

SEXUALIDADE EM GÊNEROS LITERÁRIOS: POEMA E SLAM

Nas trilhas dos gêneros literários na abordagem da sexualidade em aulas de Língua Portuguesa

SEXUALITY IN LITERARY GENRES: POEM AND SLAM

On the trails of literary genres in the approach to sexuality in Portuguese language classes

SEXUALIDAD EN LOS GÉNEROS LITERARIOS: POEMA Y SLAM

Tras las huellas de los géneros literarios en el abordaje de la sexualidad en las clases de lengua portuguesa

Kamila Regiani Umbelino Martins ¹

Adélia Maria Evangelista Azevedo ²

RESUMO

A sexualidade humana é o processo de todo indivíduo e – por questões históricas, sociais e culturais – sempre houve conflitos nessa área do desenvolvimento humano, a começar pelas leituras equivocadas que são feitas a respeito do que de fato ela seja. Diante disso, o artigo objetiva evidenciar dois gêneros literários (poema e *slam*), a partir da leitura em aulas de Língua Portuguesa (LP), que podem trazer reflexões críticas que acenem sobre as dificuldades que a humanidade enfrenta na compreensão da temática sobre a sexualidade. Os percursos teóricos para tal proposta fazem um caminho de Foucault (1988), passando por Dolz e Schneuwly (2004), que preparam o trabalho com os gêneros textuais, citando, também, autores como Fávero e Koch (1988), além dos documentos oficiais para o ensino de LP e suas linguagens para o 9.º ano do Ensino Fundamental, em uma escola-campo, cívico militar de Corumbá, Mato Grosso do Sul. A metodologia seguiu em módulos, com a aplicação da Sequência Didática (SD) de LP, com vistas às leituras de diferentes gêneros e produções criativas. Lembrando que para tal percurso, houve a

¹ Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação PROFLETRAS pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS – Capes. Professora Efetiva da Rede Municipal – SEMED/MS atualmente cedida para a Secretaria Municipal de Corumbá – MS. ORCID: 0009-0007-1181-8018 – E-mail: kamimartins03@gmail.com

² Doutora na área do Texto e do Discurso – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Docente Efetiva do Curso de Letras – UEMS – Unidade de Jardim. Atua na linha de pesquisa: Língua, linguagem, culturas e espaços fronteiriços– grupo de pesquisa INTERGEL – Grupo Interdisciplinar de Geografia e Letras. É docente do PROFLETRAS – UFRGS/UEMS – Campo Grande. Coordena o Centro de Pesquisa, Ensino e Extensão – Rede de Saberes – CEPERSI. ORCID: 0009-0002-7840-0998 – E-mail: adelia@uems.br



aprovação do Comitê de Ética com Seres Humanos (CESH) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Os resultados apontam para o incentivo à produção literária a partir de gêneros que favoreçam a subjetividade e a discussão crítica sobre a temática.

Palavras-chave: Sexualidade. Linguagem. Textualidade.

ABSTRACT

Human sexuality is the process of every individual and, due to historical, social and cultural issues, there have always been conflicts in this area of human development, starting with the misreadings that are made about what sexuality actually is. In view of these facts, this article aims to highlight the literary genres, poems and slams, from the reading in Portuguese Language classes - LP, can bring critical reflections that point to the difficulties that humanity faces in understanding the theme of sexuality. The theoretical paths, for this proposal, follow a path from Foucault (1988), passing through Dolz; Schneuwly (2004) who prepare the work with textual genres, also citing authors such as Fávero and Koch (1988), in addition to official documents for teaching PL and its languages for the 9th year of Elementary School II – in a school- field, military civic of Corumbá – MS. The methodology followed in modules with the application of the Didactic Sequence – SD of LP with a view to readings of different genres and creative productions. Remembering that for this course, there was the approval of the Ethics Committee – EC – UEMS. The results point to the encouragement of literary production based on genres that favor subjectivity and critical discussion on the theme.

Keywords: Sexuality. Language. Textuality.

RESUMEN

La sexualidad humana es el proceso de cada individuo y – por razones históricas, sociales y culturales – siempre ha habido conflictos en este ámbito del desarrollo humano, empezando por las malas interpretaciones que se hacen sobre lo que realmente es la sexualidad. Teniendo en cuenta estos hechos, el artículo tiene como objetivo resaltar dos géneros literarios (poema y *slam*), basados en la lectura en las clases de Lengua Portuguesa (LP), que pueden traer reflexiones críticas que destaquen las dificultades que enfrenta la humanidad en la comprensión del tema de la sexualidad. Los caminos teóricos para esta propuesta van desde Foucault (1988), pasando por Dolz y Schneuwly (2004), quienes preparan la obra con géneros textuales, citando también a autores como Fávero y Koch (1988), además de documentos oficiales para la enseñanza de LP y sus idiomas para el 9º año de la Enseñanza Primaria, en una escuela-campo cívico militar en Corumbá, Mato Grosso do Sul. La metodología siguió por



módulos, con la aplicación de la Secuencia Didáctica (SD) de LP, con vistas a lecturas de diferentes géneros y producciones creativas. Recordando que este curso fue aprobado por el Comité de Ética con Seres Humanos (CESH) de la Universidad Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Los resultados apuntan a incentivar la producción literaria basada en géneros que favorezcan la subjetividad y la discusión crítica sobre el tema.

Palabras clave: Sexualidad. Lenguaje. Textualidad.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Escolher falar de sexualidade em sala de aula, nas aulas de Língua Portuguesa do 9.º ano do Ensino Fundamental, da rede pública de ensino de Corumbá, em Mato Grosso do Sul, é proporcionar aos estudantes a oportunidade de discutir a temática a partir de sua complexidade e relevância na proteção de crianças e adolescentes. Além disso, é transformar cada aluno e cada aluna em um(a) escritor(a) em potencial, capaz de, como cita Julio Cortázar (1974), “coagular sentimentos” e, nos leitores gerados através desses sentimentos, mover todos os dias as aulas de Língua Portuguesa. Unir um bom tema à criatividade em versos é o que o trabalho a seguir se propõe: dar a oportunidade de um “bom tema”, tornar-se um “bom poema”. E o que faz um “bom poema”? Muito além de sua estrutura estilística, é conseguir torná-lo a representação das manifestações da arte na vida da sociedade.

Mas, primeiramente, é fundamental compreender sobre a sexualidade a partir da história da humanidade e os teóricos que trataram do tema; especificamente nesse texto, o filósofo Michel Foucault (1988). Além disso, seguimos com a Linguística Textual (LT), centrando o enfoque em Texto, Gêneros Textuais e SD (Dolz; Schneuwly, 2004) para a reflexão crítica em LP, com vistas ao ensino na Educação Básica. As áreas da ciência que contornam as reflexões propostas são, portanto, a Sexualidade, a Linguagem e a Literatura, apresentadas em recortes para que, juntas, construam ajuizamentos acerca das necessidades de se falar a respeito de sexualidade em sala de aula.

Para entendê-la se faz necessário compreender a linguagem e seus usos, já que um dos problemas de se trabalhar com a Educação Sexual na escola é a ausência de

compreensão do termo sexualidade, que pode ser mais bem compreendido se se fizer uso de diversas linguagens e de seus artefatos. De igual maneira, para essa proposta didática, discorrer reflexões acerca de Linguagem sem citar e compreender a Literatura é inviável, já que tal arte proporciona, além do deleite, mergulhos profundos dentro do ser humano. Na esteira desse pensamento incluem-se, também, os percursos sobre a sexualidade.

1. PERCURSOS TEÓRICOS SOBRE SEXUALIDADE

A sexualidade, como Foucault (1988) destaca, faz parte do ser humano, de suas construções físicas, cognitivas e históricas. Mais que um composto de elementos, a construção da sexualidade define um ponto de partida para as relações humanas e o que elas podem gerar no processo de estabelecimento da sociedade. No entanto, os conceitos de sexualidade são pouco discutidos na sociedade e, por conseguinte, refletidos de maneira insuficiente desde o início do desenvolvimento de um indivíduo, chegando à fase adulta com pouca bagagem para lidar com os conflitos gerados pelas diversas relações humanas.

A partir de uma estrutura mais coerente, Evanildo Bechara (2011, p. 1179) define a sexualidade como,

[cs] s.f. 1. Qualidade de sexual. 2. Conjunto de características que definem o sexo de uma pessoa. 3. (Psicn.) Conjunto dos fenômenos psíquicos que permeiam a vida de uma pessoa, gerados pelo próprio corpo, e sua relação com a sociedade.

Mas, por mais que Bechara coloque entre as definições um conceito da Psicanálise, ainda assim é insuficiente o embasamento exclusivo em dicionários, pois a sexualidade precisa ser entendida sob a perspectiva de várias ciências. Refletindo acerca do que defendem Altmann e Martins (2009, p. 132), percebe-se a necessidade de se utilizar, no decorrer do texto, apenas a terminologia “Educação Sexual”, pois compreende-se que:



[...] nos movimentos sociais e, de modo geral, na bibliografia internacional, orientação sexual é um termo utilizado para indicar qual o sexo (masculino ou feminino) pelo qual uma pessoa sente-se atraída ou elege como objeto de desejo e afeto [...]. Educação Sexual, por sua vez, refere-se a práticas educativas que têm a sexualidade como tema.

Pesquisas apontam para um grande conflito na sexualidade humana, que vem se formando ao longo da história. Ainda de acordo com Foucault (1988), referir-se à sexualidade na Antiguidade era complexo, pois naquele contexto se observava, acentuadamente, uma sociedade punitiva, que produzia discursos impostos como verdades absolutas e que levavam à inibição e à misérias sexuais. Foucault, dessa maneira, fixa o método que envolve toda a temática, apreendendo os mecanismos positivos que, ao serem reproduzidos, ocasionam efeitos repressivos.

Desde então, a história caminhou e construiu novos percursos ideológicos em diversas áreas, porém, pouco andou no âmbito da construção de conceitos na área da sexualidade. Esse afastamento da verdade, por meio da repressão, construiu historicamente as vulnerabilidades de grupos minoritários socialmente. Quanto menos homossexuais, negros, crianças e mulheres, por exemplo, soubessem sobre seus corpos, suas construções identitárias e suas manifestações fisiológicas, ideológicas e psicológicas, mais expostos e dependentes ficariam nas mãos do grupo tido como “representante da maioria”.

Toda a história construída por Foucault deixa explícitas as dificuldades de compreender a sexualidade e, então, vivenciá-la de maneira integralmente saudável, mesmo que em face de conflitos. Há centenas de limitações para se construir reflexões e promover mudança social nessa área e, por isso, é necessário investigar o que há por trás da palavra, as marcas, os conflitos, as pautas silenciadas pelas imposições histórico-sociais.

As questões filosóficas e os espaços educacionais entrelaçam-se, pois, na esteira do pensamento de Santos (2009, p. 18):

[...] que a orientação preconizada pelos PCN precisa ser interpretada como uma proposta de Educação Sexual e não como Orientação Sexual. Sendo uma educação sexual ou uma educação para a sexualidade, ampliamos as discussões para

aspectos norteadores das relações humanas: sociais, econômicas, éticas, étnicas e históricas. Dessa forma, conseguimos nos desvencilhar de práticas minimizadoras ou superficiais, que inclusive se fazem vigentes na escola quando se pretende tratar a sexualidade de forma fragmentada em ações pontuais por meio de temas transversais [...].

O conceito de sexualidade não pode ser limitado, portanto, porque é o resultado das vivências de cada indivíduo, das diferentes tentativas de ser: social, econômico, ético, étnico, histórico e humano. Furlani (2007, p. 11) vem ao encontro desse pensamento, ao propor que a sexualidade deva ser pensada a partir de um “[...] entendimento temporal, circunstancial e contingencial”. Com isto, compreende-se a amplitude das abordagens da linguagem literária e a sexualidade.

2. LINGUAGEM LITERÁRIA E TEMÁTICA DA SEXUALIDADE

A polissemia do que é Literatura permite não só a ausência de um conceito, mas a transposição de suas significações. É pertencente ao campo das Artes e imprime expressão verbal. Etimologicamente, o termo deriva do latim *litteratura*, a partir de *littera*, letra. Aparentemente, portanto, o conceito de literatura parece estar implicitamente ligado à palavra escrita ou impressa, à arte de escrever, à erudição. O vocábulo “literatura” continuou no século XVIII a designar o conjunto das obras escritas e dos conhecimentos nelas contidos, adquirindo uma acepção mais especializada, referindo-se especialmente às “belas artes”, ganhando assim, uma conotação estética e passando a denominar-se a arte que se exprime pela palavra (Matos, 2001).

Um recorte de todo um bloco de propostas educacionais previstas pela *Base Nacional Comum Curricular*, doravante BNCC (BRASIL, 2018, p. 156), sobre o campo artístico-literário para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, pode propor uma boa ação para se trabalhar o tema em sala de aula.

O que está em jogo neste campo é possibilitar às crianças, adolescentes e jovens dos Anos Finais do Ensino Fundamental o contato com as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial, e oferecer as condições para que eles possam compreendê-las e fruí-las de maneira significativa e, gradativamente, crítica. Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas

relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica.

Norteados, também, pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN*, (BRASIL, 1997, p. 293) em Orientação Sexual, o estudo da sexualidade se faz necessário dentro do ambiente escolar, pelo fato de a escola ser lugar de construção social do indivíduo.

Com a inclusão da Orientação Sexual nas escolas, a discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o “ficar” e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura.

Ainda de acordo com os PCN (BRASIL, 1997, p. 293), a escola deve organizar-se para que os alunos concluam o Ensino Fundamental preparados para, dentre outras habilidades/ competências,

Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e o seu direito à expressão, garantida a dignidade do ser humano; • conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir prazer sexual; • identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade, evitando comportamentos discriminatórios e intolerantes e analisando criticamente os estereótipos; • reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas; • identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos do outro; • proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores [...].

Com ênfase na linguagem literária como mecanismo de tratar das relações de reflexão do desenvolvimento humano na área da sexualidade, entender as funções da linguagem e, especificamente da linguagem literária, é fundamental para o trabalho em sala de aula.

De acordo com Todorov (2009, p. 18), “a literatura é uma linguagem não instrumental e o seu valor reside nela própria”. É importante considerar o valor da literatura em aulas de LP e, assim, o aluno poderá construir suas reflexões acerca da

sexualidade, produzindo textos de finalidade puramente literária, no escopo de se revelar como arte, de fazer o leitor senti-lo apenas pela similaridade refletida nas próprias vivências humanas.

Danziger e Johnson (1974, p. 18) pontuam que:

Se tentarmos avaliar esta interpretação da literatura, teremos de reconhecer que ela toca em, pelo menos, dois importantes pontos. Considerada em seu valor aparente, sugere que a literatura imita ou reflete a vida; por outras palavras, a temática da literatura consiste nas múltiplas experiências dos seres humanos, em suas vivências. [...] O segundo e importante ponto sugerido pela teoria da imitação é que a vida está sendo imitada no sentido de ser reinterpretada e recriada.

O que os referidos autores suscitam é que toda e qualquer linguagem impressa na literatura pode preencher espaços não alcançados por outras elocuições, o que justifica a escolha dessa arte para a execução de SD que discutam as questões identitárias.

De maneira tão necessária, Cosson (2009, p. 17) sugere que estar em contato com a literatura é ter a oportunidade de compreender os conflitos da sociedade e aprender a se expressar em palavras, para que as vivências tomem formas linguísticas e sejam agentes transformadores.

Dessa forma,

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falamos de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizemos a nós mesmos. É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas.

Essas possibilidades que somente a literatura tem o poder de gerar são e devem sempre ser oportunizadas nas práticas de sala de aula, como processos formadores do indivíduo. É dessa maneira que a escola faz sentido e prepara o futuro e, por isso, múltiplas formas da linguagem podem ser uma ponte entre o termo sexualidade, com toda a educação sexual que envolve o conceito e a arte literária.

A linguagem, assim, é capaz de envolver a temática da educação sexual e transformá-la em literatura, fazendo o intercâmbio entre a realidade social, seguida das teorias que dão conta de explicá-la, além da arte da expressão verbal, que é bem colocada no estudo da Linguística Textual (LT), disciplina que percorre a linguagem por meio do trabalho com o texto escrito.

3. NAS TRILHAS DA LINGUÍSTICA DO TEXTO

Para mapear o percurso que se espera para as reflexões propostas, é necessário compreender um pouco sobre a LT, preenchendo algumas lacunas a respeito do trabalho com o texto em sala de aula, como ferramenta de percepção de questões sociais relacionadas à identidade, ao autocuidado e às violências contra crianças e adolescentes, que devem fazer parte de seus cotidianos. Afinal, o texto vai além de seu caráter comunicativo. É por isso, e a partir de então, que como gerador social, entrelaçado e minuciosamente organizado, pode transformar espaços físicos, mentais e de interlocução.

Ao percorrer o cenário histórico da LT, Marcuschi (2009), ao final do século XX, em sua obra marco que virou uma coleção intitulada “Linguística de Texto: O que é e como se faz?” coloca-a não como a ampliação das teorias das disciplinas que se apoiam no texto como objeto, mas como uma linha investigativa capaz de se teorizar individualmente e se aplicar a novos fenômenos textuais. Fávero e Koch (1988, p. 11) sublinham que a LT indica “tomar como unidade básica, ou seja, como objeto particular de investigação, não mais palavra ou frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma específica da manifestação da linguagem”. No foco de ascensão dessa ciência linguística, estudiosos como Marcuschi (2009) e Koch e Fávero (1988) se apropriam de um trabalho satisfatório na área, a fim de apresentar a LT a partir de três teorias que não têm, necessariamente, uma passagem de ordem cronológica, mas se diferenciam por tipologias e desenvolvimentos teóricos distintos.

Para Rodrigues *et al.* (2012, p. 14-15), as teorias classificam-se em:

Análise transfrástica – Trata-se do momento da análise das regularidades que transcendem os limites da frase; parte-se desta em direção ao texto. Segundo Fávero e Koch (1988), o enfoque é o estudo das relações que podem ocorrer entre as diversas frases que compõem uma sequência significativa no texto. [...]

Gramáticas textuais – É o momento que tem como finalidade refletir sobre os fenômenos linguísticos inexplicáveis por meio de uma gramática da frase. A elaboração de gramáticas textuais objetiva: a) verificar o que faz com que um texto seja um texto, isto é, determinar seus princípios de constituição; b) levantar critérios para a delimitação de textos; e c) diferenciar os tipos de texto (Fávero; Koch, 1988). [...]

Teorias de texto – Nesse momento, a tendência dominante é construir teorias de texto que privilegiem os aspectos pragmáticos. Assim, a investigação se estende do texto ao contexto, compreendido como as condições externas de produção e recepção (interpretação) dos textos.

Portanto, seguindo o percurso feito pela LT que, no início, era imanente, atualmente é possível abordar o texto a partir do enfoque na interação discursiva, evidenciando a cognição e a enunciação. Na cognição, o objetivo é tratar da apropriação e ativação dos conhecimentos textuais. Já a enunciação propõe como as questões sociais e discursivas podem interferir nos processos interacionais, entre elas a produção e a interpretação do texto.

Nessa linha, o artigo se propõe a usar o texto literário como objeto para o trabalho com a sexualidade em sala de aula, compreendendo questões humanas, com a utilização de recursos textuais, as Sequências Didáticas (SD). Assim, aprende-se sobre o poder da responsabilidade na interação discursiva, tendo em mente que o texto também gera a construção de relações pessoais. Nesse caso, são as apropriações da criança e do adolescente como seres pertencentes e participantes de suas próprias identidades, por meio da produção de seus textos.

4. GÊNEROS TEXTUAIS CONDUZEM A PRODUÇÕES LITERÁRIAS

Sejam os gêneros nomeados “textuais”, na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo ou nomeados “discursivos”, na ótica bakhtiniana, vêm ao encontro das



propostas de interação a partir dos diálogos textuais. Isso ocorre por considerar a necessidade contínua das interações em diferentes aspectos sociais. Apresentar ao aluno variados tipos de textos é deixá-lo escolher como imergir na temática proposta, apropriando-se não apenas de conhecimentos sociais, mas linguísticos.

Mas, o que é um gênero? Para John Swales (1990, p. 58, *apud* Rodrigues, 2012, p. 116) gêneros são:

[...] uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Tais propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva de origem e, portanto, constituem o conjunto de razões (*rationale*) para o gênero. Essas razões moldam a estrutura esquemática do discurso e influenciam e impõem limites à escolha de conteúdo e de estilo.

No fragmento, o autor pontua que os gêneros se dão socialmente e tais eventos delimitam suas características discursivas, persuadindo no enredo e no estilo da interação comunicativa.

Dolz e Schneuwly (2004, p. 44) afirmam a esse respeito que:

A mestria de um gênero aparece, portanto, como coconstitutiva da mestria de situações de comunicação. Situando-nos na perspectiva bakhtiniana, consideramos que todo gênero se define por três dimensões essenciais: 1) os conteúdos que são (que se tornam) dizíveis por meio dele; 2) a estrutura (comunicativa) particular dos textos pertencentes ao gênero; 3) as configurações específicas das unidades de linguagem, que são sobretudo traços da posição enunciativa do enunciador, e os conjuntos particulares de sequências textuais e de tipos discursivos que formam sua estrutura.

Para os autores, o gênero se coloca nas situações interacionais e se faz existente a partir dos conteúdos impostos nele, a particularidade de estrutura textual de cada um e os traços de sequência textual e discurso de cada estrutura. A partir desses conceitos é preciso pensar nas propostas curriculares contemporâneas e como os currículos têm pontuado que o texto seja visto como a unidade de ensino de LP e os gêneros textuais como seus principais objetos de ensino e aprendizagem.

Por isso, é fundamental pensar em uma SD que estimule os alunos a um olhar crítico sobre os textos propostos, sabendo compreender que esses se apresentam de



formas diferentes, pertencendo, portanto, a gêneros distintos, além de serem capazes de evidenciar não apenas as características do texto, mas sua representatividade e função social.

Para Rodrigues (2012, p. 33):

Os gêneros do discurso são concebidos como modos sociais de interação sócio-historicamente constituídos, pois conduzem o processo de produção e interpretação de textos. Segundo Bakhtin (2003), não conseguimos interagir com pertinência em dada situação se não dominarmos o gênero dessa interação.

O objetivo, ao se fazer do uso de uma SD de LP, é criar mecanismos que facilitem a compreensão da leitura, mas que não banalizem a literatura, evidenciando os pontos que determinam a compreensão de um texto literário, como, por exemplo, o que é “textual”, por meio do reconhecimento nos gêneros textuais do que são recursos narrativos, descritivos, argumentativos etc. E, também, o que é “literário”, levando-os ao reconhecimento de recursos estilísticos, poéticos e a compreensão dos sentidos subjetivos postos por metáforas, comparações etc.

Pensar na LP, dentro das propostas de práticas de Linguagem da BNCC (2018, p. 156) no Campo Artístico-Literário é entender e promover a função do texto literário no trabalho diário dos alunos do Ensino Fundamental:

O que está em jogo neste campo é possibilitar às crianças, adolescentes e jovens dos Anos Finais do Ensino Fundamental o contato com as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial, e oferecer as condições para que eles possam compreendê-las e fruí-las de maneira significativa e, gradativamente, crítica. Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica, por meio: - da compreensão das finalidades, das práticas e dos interesses que movem a esfera artística e a esfera literária, bem como das linguagens e mídias que dão forma e sustentação às suas manifestações; - da experimentação da arte e da literatura como expedientes que permitem (re) conhecer diferentes maneiras de ser, pensar, (re) agir, sentir e, pelo confronto com o que é diverso, desenvolver uma atitude de valorização e de respeito pela diversidade [...].

O documento oficial propõe, nos objetos de conhecimento referidos acima, a possibilidade de os alunos, ainda nos Anos Finais do Ensino Fundamental, exercerem suas manifestações identitárias e ideológicas por meio do texto, da literatura, da arte como um todo, demonstrando um comportamento linguístico capaz de exaltar sua língua e as esferas sociais, culturais e ideológicas que a acompanham. Esse movimento de construir os textos a partir dos momentos de leituras e discussões se dá pela organização de aulas, seleção prévia de gêneros a partir da temática. Tal organização acontece por meio das SD de LP que serão substanciadas com o trabalho com textos em forma de poemas e *slams*.

4.1. DESDOBRAMENTOS CRIATIVOS A PARTIR DA SEXUALIDADE: POEMA E SLAM

O poema faz parte de um compilado textual e, por isso, nomeado didaticamente como gênero textual que pode e deve caminhar com os outros gêneros à serviço da sociedade. Entretanto, se difere por se destacar em características próprias de forma, som e sentido, o que o distingue de uma prosa, tanto pelo som como pelo ritmo dado pela linguagem ali proposta. O poeta mexicano Octavio Paz (1976, p. 11-12) descreve que:

ritmo não só é o elemento mais antigo e permanente da linguagem, como ainda não é difícil que seja anterior à própria fala. Em certo sentido pode-se dizer que a linguagem nasce do ritmo ou, pelo menos, que todo ritmo implica ou prefigura uma linguagem. Assim, todas as expressões verbais são ritmo, sem exclusão das formas mais abstratas ou didáticas da prosa. Como distinguir, então prosa e poema? Deste modo: o ritmo se dá espontaneamente em toda forma verbal, mas só no poema se manifesta. Sem ritmo não há poema; só com o mesmo, não há prosa. O ritmo é condição do poema, enquanto é inessencial para a prosa.

Assim, gerar uma conversa agradável entre ritmo e linguagem é poder escolher se manifestar socialmente da maneira expressiva. De acordo com os PCN (BRASIL, 1997, p. 67):

[...] a poesia como forma literária constitui um meio de descoberta da língua e de sensibilização estética. Todas estas formas e expressão musical

facilitam a clareza da articulação e podem ainda ser meios de competência metalinguística, ou seja, de compreensão do funcionamento da língua.

Escolher esse gênero para trazer diálogo em sala de aula é uma maneira de estimular os alunos a se apropriarem de tal estrutura textual para replicar suas histórias por meio das possibilidades que a arte literária propõe. Nunes (2016, p. 154) cita a esse respeito que:

A poesia é capaz de sensibilizar o ser humano, e nesse sentido evidencia-se a importância de trabalhar o gênero em fase escolar, para tanto deve ser levado em conta tanto a recepção quanto às contribuições da poesia para a promoção da leitura literária.

Portanto, a proposta de produzir poesia em sala de aula é um movimento, dentre tantas possibilidades, de contribuir no desenvolvimento social do indivíduo, se tornando parte do todo no processo educacional da escola.

A seguir, há dois exemplos que compõem o *e-book Sexualidade é papo de sala de aula, sim! - Denúncias através da criatividade em poemas e slams*, para ilustrar que a produção literária em sala de aula enriquece e amplia o processo de aprendizagem integral.

A partir da aplicação de SD, nas aulas de LP, alunos do 9.º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de ensino da cidade sul-mato-grossense de Corumbá, produziram poemas e *slams* e o resultado foi a reunião dessas produções criativas no *e-book* em questão.

Os escritos ilustram o percurso final dos adolescentes que, ao participarem das discussões sobre sexualidade e vivenciarem a SD de LP em módulos, conseguiram imprimir em versos sua compreensão a respeito do real significado de sexualidade e, entre um verso e outro, pontuaram, assim como abordado em sala de aula, que sexualidade não é apenas falar de sexo, mas compreender uma série de fatores que envolvem o corpo, a mente e as emoções.

Segue o poema “A letra da sexualidade”:

A letra da sexualidade
Sexo com "s" de sexualidade
Um tema da atualidade
Mas, mesmo assim,
Não é falado com naturalidade

Identidade de gênero?
Só de falar já sinto umador
Tento fugir...
Mas, como fugir de mim?

Parece um assunto sem fim
entender, difícil não é!
Eu mesmo criança,
Entre palavras, entendi até!

Respeito é algo perfeito
Se falar disso,
Não precisa ficar sem jeito.

No fim, me vejo no espelho:
Sem endereço, sozinho não me reconheço
Mas, sei que logo vou me entender
Até porque não é difícil aprender.

Figura 1: Poema "A letra da sexualidade", resultado da SD de LP (MARTINS, 2023). Autor D.

No poema da Figura 1, o autor D. conseguiu acentuar questões como gênero, abrindo uma reflexão sobre como se sente ao falar de identidade de gênero e que não é um assunto difícil de se entender e, portanto, escreve, implicitamente, sobre o respeito por pessoas de outro gênero. No percurso da SD de LP, o autor pode refletir e materializar sobre a sexualidade de modo criativo e sensível.

Outro desdobramento dessa SD é o *slam*, gênero textual que surgiu no final do século XX, quando o construtor civil e poeta Marc Smith adotou o termo para nomear um evento, em Chicago, chamado *Uptown Poetry Slam*. A partir desses movimentos revolucionários, o *slam* conseguiu reunir intenções próprias para que os poetas se apropriassem de suas identidades e reproduzissem ao leitor suas escolhas identitárias. O gênero *slam* se utiliza da linguagem poética e a transforma nas ruas, com uma linguagem própria e próxima das comunidades que delatam a falta de esperança, as frustrações e as injustiças sociais.

Cristi (2022, p. 166) informa que:



o slam – de voz inglesa – corresponde a um movimento cultural de cunho artístico-político, localizado especialmente nas periferias e expressado em uma linguagem poética e corporal. Como termo, tem origem onomatopéica: indica uma batida de porta ou janela, algo próximo do conceito pá, na língua portuguesa, vocábulo que adquiriu o nome a partir do golpe da ferramenta na terra.

Além de ser um gênero textual, o *slam* é um espaço de fala, que dá voz a várias pessoas que precisam ser ouvidas e não conseguem denunciar suas dores e serem sujeitos autônomos de suas histórias, sem recortes narrativos: apenas a verdade escrita e cantada. Jéssica Balbino (2016, p. 27), em dissertação de mestrado sobre as vozes femininas na literatura periférica, pontua que:

O conjunto de características que tange a literatura marginal/periférica garante que as vozes sejam ouvidas e amplificadas, modificando, na prática, a inserção destes sujeitos na história, haja vista que os próprios autores relatam o que veem, o que vivem, o que querem, destoando das práticas da grande mídia, que mesmo empregando o microfone aos agentes periféricos, edita-lhes as falas.

No período de construção desse gênero, muitos movimentos sociais ocorreram e o tornaram a reivindicação de um ato social de políticas públicas inalcançáveis às comunidades que vivenciam a negligência do Estado e estão entregues às vulnerabilidades. Na necessidade de construir esse cenário, em 1971, surge o *slam*, fortalecido pela arte de Hip-Hop e conduzido por Cornell Benjamin e Yellow Benji, na tentativa de acordos de paz nas ruas (Balbino, 2016).

Os *slams* são narrativas que potencializam o poema de maneira falada e sentida no mesmo instante em que são declamados por seus representantes, calados e abdicados diariamente de seus direitos. São nos espaços proporcionados por esse gênero textual que nascem pessoas protagonistas da história, na apropriação de suas identidades se tornam escritores, músicos, artistas capazes de transformar o que vivenciam, nas periferias, em atos políticos e artísticos.

A seguir um *slam*, sob o título “Quem você quer ser?”:

Quem você quer ser?
Quem gênero e sexualidade?
Quem gênero e diversidade?
O que impeta é mesmo o gênero?
Quem a construção de um mundo mais igual?
Chega de perguntas, manas!
É hora de ação!
Mulher constata tua história, tua identidade sexual!
Não deixa que nenhum homem te dite, na meal!
Queiram se espantados,
Fagora nasce este respeito
Entregue sua etnia, saga, es...
Tudo é ideologia!
O que é de verdade mesmo é seu volta!
Não se anda, não se anda!
Vai nos tem pugo!
Entregue tua alma, teu tamanho, tua massa corporal...
Entregue o que o espelho denuncia,
E fique aberta com que impeta,
De igual para igual.
Nomenclaturas não determinam tua fala:
Seja "fetus", seja "homo", ou seja, "trans",
O que te constitui é tua história
De de, feições e memórias nos dias.
Quem te dizem ser?
Deixar estar além do machismo, racismo, elitismo e preconceito!
Quem você quer ser?
Busque a voz que seja seus diálogos!

Figura 2: Slam "Quem você quer ser?", resultado da SD de LP (MARTINS, 2023). Autor T.

O slam da Figura 2, intitulado "Quem você quer ser?", também presente no e-book já citado, dá indícios no próprio título sobre as percepções da identidade e o desejo de ser alguém que ainda não conseguiu atingir tal objetivo.

O autor T. da produção criativa (Figura 2) pontua questões essenciais e deixa evidente que conseguiu absorver bem todos os momentos de debates sobre a temática. Logo nos primeiros versos, indaga o leitor sobre a relevância de priorizar o ser humano e não o gênero em si e estimula as mulheres a repensarem seus papéis na sociedade, a fim de construírem histórias e identidades sexuais próprias.

O estudante-autor se utiliza, ainda, de uma linguagem mais popular, fazendo uso da gíria "manas" que é muito frequente em slams, em um jogo de rimas que foram pensadas para serem cantadas nas competições, trazendo conscientização por meio da linguagem. É por meio da elaboração de propostas educacionais inovadoras e criativas que as ações em sala de aula possibilitam, portanto, o surgimento de práticas fecundas

como, por exemplo, as produções textuais que são o resultado do potencial criativo de cada aluno.

Por isso, criar e elaborar SD pensadas para turmas de 9.º ano, que destacassem a temática da sexualidade e fossem capazes de cumprir um amplo papel no processo de aprendizagem, foi determinante para a concretização dessa proposta aplicada como produto na escola-campo citada. A SD de LP é norteadora no reconhecimento dos saberes, na construção ideológica dos temas abordados e na sistematização do conhecimento adquirido, conduzindo o aluno a chegar a um produto final por meio da construção criativa dos mais diversos tipos de texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos pautados, precisa-se (re)pensar que a escola é lugar de desenvolvimento, transformação e laboratório das relações humanas, como uma das instituições responsáveis por entrelaçar tais processos. Assim, pode e deve ser palco de discussões, pesquisas, ampliações da temática da sexualidade, a fim de que os sujeitos as utilizem para suas assimilações identitárias, formulando novas propostas que deem conta de melhorar as relações e construções coletivas. As maneiras como a escola pode estabelecer essas construções são infinitas.

No artigo, evidenciou-se a linguagem literária como mecanismo para promover a criatividade e as reflexões críticas sobre a temática da sexualidade e da cidadania, gerando compreensão da temática por meio de SD de LP, com o objetivo de amenizar conflitos e levar os adolescentes a se apropriarem de suas vivências, relacionadas à construção da sexualidade e, por efeito, se tornarem sujeitos dos processos criativos e das reflexões sobre a sexualidade.

Parte-se do pressuposto de que a literatura é uma das artes de linguagem mais estruturadas na minuciosidade da transcrição da observação e, mesmo sendo ficção, consegue descrever a realidade, por meio da verossimilhança e, a partir desse ponto, fazer o(a) leitor(a) observar seu entorno e se compreender para além do que sente,



por meio das palavras. Utilizar o gênero textual poema e, em sua continuidade, o gênero textual *slam* pode contribuir no percurso da aplicação da SD e na realização de produções criativas propostas para as aulas de LP.

Esse movimento literário em sala de aula é capaz de saltar aos olhos dos alunos, pois a poesia e o *slam*, em seu lugar de direito, tem poder, tem espaço e dá voz. Tem o poder de tocar uma alma, mesmo ferida, de gerar desenvolvimento psíquico e emocional e revelar vazios a serem preenchidos. Tem espaço, pois onde entra transforma o ambiente em cor, som, formas, significados e ressignifica o lugar nos mais variados tipos de arte. Por fim, dá voz, pois possibilita que tantas pessoas tenham a oportunidade de expressar sua dor, seu grito ou seu silêncio e se tornem atores/ atrizes principais de suas histórias e da história da humanidade.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H.; MARTINS, C. J. **Educação Sexual: ética, liberdade e autonomia**. Curitiba: UFPR, 2009.

BALBINO, J. **Pelas margens: vozes femininas na literatura**. 2016. 358 p. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural), Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 2016.

BECHARA, E. (org.). **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. Brasília: MEC/ SEF, 1997. (Temas Transversais).

CORTÁZAR, J. **Valise de Cronópio**. Trad. Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1974.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

CRISTI, M. A.; LOPES, A. da S. O conhecimento e conscientização. **PragMATIZES - Revista Americana de Estudos em Cultura**, Niterói, ano 12, n. 23, p. 165-190, set. 2022.



DANZIGER, M. K.; JOHNSON, W. S. **Introdução ao estudo crítico da literatura**. Trad. Álvaro Cabral com a colaboração de Catarina T. Feldmann. São Paulo, Cultrix, 1974.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. (orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo; Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 240.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. V. **Linguística textual: introdução**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. **Fala e escrita**. 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 208 p.

MARCUSCHI, L. A. COLEÇÃO LUIZ ANTÔNIO MARCUSCHI. **Linguística de Texto: O que é e como se faz?** Recife: UFPE. 2009. 99 p.

MARTINS, K. R. (org.). **Sexualidade é papo de sala de aula, sim! Um desabafo entre Poemas e Slams**. Corumbá: [no prelo], 2023.

MATOS, M. V. L. de. **Introdução aos estudos literários**. Lisboa: Verbo, 2001.

NUNES, G. C. Poesia e letramento literário no Ensino Fundamental. **Revista de Psicologia**, v. 10, n. 29. p. 152-159, fev. 2016.

PAZ, O. **Signos em Rotação**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2019.

RODRIGUES, R. H. *et al.* **Linguística Textual: 4º período** – Florianópolis: UFSC/ LLV/ CCE, 2012. 192 p.

SANTOS, D. B. C. dos; ARAÚJO, D. C. de. Sexualidades e Gêneros: questões introdutórias. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Departamento de Diversidade. **Sexualidade**. Curitiba: SEED, 2009. p. 13-28.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

Data da submissão: 03/05/2024

Data do aceite: 19/07/2024